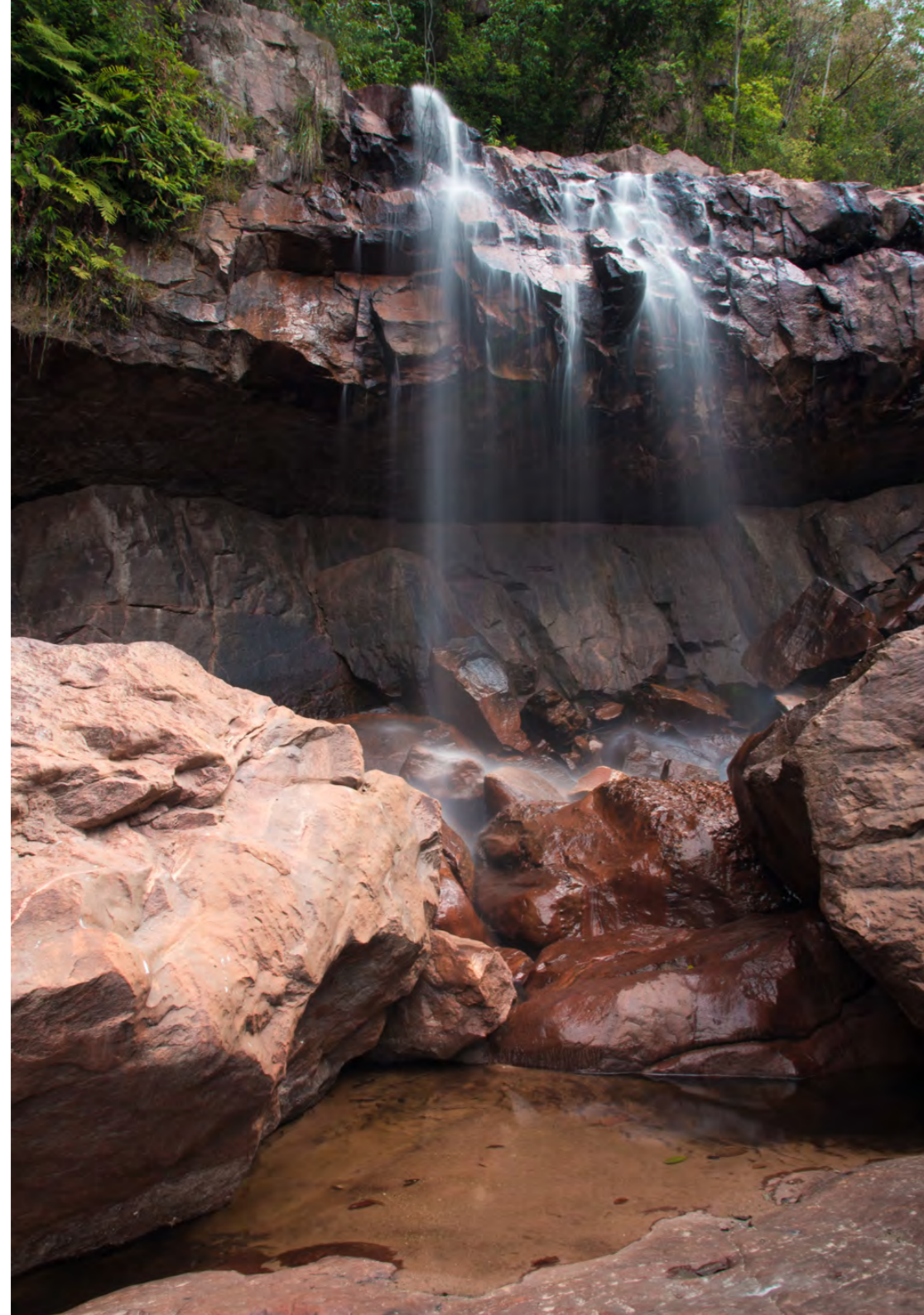


Turismo Social
Serra do
**Tepe,
Quém**

Turismo Social
Serra do
Tepe
quém

Boa Vista, agosto/2019



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO – CNC

Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC

Diretor-Geral do Departamento Nacional
Carlos Artexes

DEPARTAMENTO REGIONAL EM RORAIMA

Presidência do Conselho Regional
Ademir dos Santos

Direção do Departamento Regional – Sesc
Lisiane Gassner Carnetti

PESQUISA, TEXTO E FOTOGRAFIAS
Cadu de Castro

MEDIADORA
Sabrina Viana

PUBLICAÇÃO

Projeto Gráfico
Rafael Oliveira



Não é olhando no espelho que nos enxergamos, que vemos quem somos, mas quando nos deparamos com o OUTRO.

“A verdadeira viagem não está em sair à procura de novas paisagens, mas em possuir novos olhos”, escreveu Marcel Proust, propondo um outro olhar para o ato de viajar, em que se valoriza a vivência e se descortina a perspectiva de se **EDUCAR** por intermédio do turismo.

É com este pensamento que o **Sesc** desenvolveu roteiros em parceria com comunidades indígenas. Mais do que visitar lugares, a ideia é conhecer pessoas, seus saberes, seus fazeres, sua forma de interpretar e se portar no mundo.

Vivenciar uma cultura diferente da nossa, expande o nosso olhar para o mundo. Afinal, ao vivenciarmos e compreendermos os saberes, os fazeres, os valores e os hábitos de outra comunidade, distintos dos nossos, transformamos o nosso olhar e passamos a valorizá-los. Enfim, **EDUCAMO-NOS**.

E quanto mais sabemos do lugar que visitamos, quanto mais conhecemos da cultura local, melhor será a nossa experiência. Por isso, preparamos para você este caderno. Queremos compartilhar informações e, juntos, construirmos o conhecimento por intermédio desta atividade de turismo.

Portanto, propomos uma viagem que desperte os sentidos, numa experiência de troca e comunhão. E que, ao final, de espírito aberto, todos se transformem pelos conhecimentos adquiridos e pelas relações pessoais estabelecidas. Isto é “possuir novos olhos”. Isto é **EDUCAR-SE**.

Viagem



Para a melhor

É preciso respeitar o ambiente e as pessoas do local. Seja cuidadoso com o lixo que produzir e não tire nada da natureza.

É preciso respeitar a cultura local, adequar-se às regras da comunidade e observá-las atentamente.

experiência



É preciso respeitar a cosmogonia, a fé e as histórias das comunidades, ainda que não compartilhe delas.

Antes de fotografar pessoas e lugares, converse e peça permissão. E caso seja negada, respeite, pois há lugares sagrados, e pessoas que não gostam de ser fotografadas.





B e m - v i n d o
À Serra do
T e p e
q u é m
A m a j a r í - R o r a i m a

A Serra do Tepequém localiza-se no município de Amajari, ao norte do estado de Roraima. As duas vilas existentes no alto da serra, Paiva e Cabo Sobral, possuem 235 habitantes, entre as áreas urbana e rural.

Segundo Nimuendaju, etnias como os Siriná, Saporá, Macuxi, Wapixana, Patamona, Ingaricó, além de outras, passaram e chegaram a ocupar a região em processos migratórios. Nas crônicas do Rio Branco, enviadas ao Rio de Janeiro pelos Monges beneditinos, encontramos pela primeira vez notícias a respeito da exploração mineral na região.



Estas referências históricas confirmam que a atividade do garimpo de diamantes na região se dá desde a década de 1930. A partir de então, houve um grande afluxo de pessoas para o Tepequém, e a Vila do Cabo Sobral chegou a ter, segundo um antigo morador, alguns milhares de pessoas.

Os ecossistemas e paisagens do lugar sofreram profundos impactos negativos com a chegada das máquinas de mineração, que abriram crateras no solo, aceleraram o processo de erosão em diversas partes, e assorearam os igarapés que nascem na serra.

No entanto, na década de 1990, foi proibido o uso de máquinas, e a atividade do garimpo diminuiu muito, causando um grande êxodo na região. Muitos garimpeiros buscaram outras áreas para prospectar o minério, outras famílias se mudaram de lá para que os filhos pudessem estudar em cidades maiores ou na própria capital. Ficaram os filhos da terra, bem como aqueles poucos que desenvolveram o senso de pertencimento com o Tepequém.

Hoje, a mineração manual é atividade corrente, pois a cultura do garimpo é viva na comunidade, mas a preocupação pela busca de atividades sustentáveis também é bastante presente. É neste ambiente que frutifica a ideia do Turismo, no entanto, o objetivo é fugir do modelo massificado, que atrai um grande afluxo de pessoas, gerando impactos negativos de ordem socioeconômica, cultural e ambiental, em que os lucros são privatizados e os prejuízos socializados.





A lenda do **Tepequém**

Uma história indígena conta que um imenso vulcão vivia sempre “zangado” e jogava as suas lavas queimando tudo a sua volta. O fogo destruía a mata e os animais fugiam assustados.

Quando os índios já estavam desesperados, por não haver mais o que caçar ou pescar, o pajé convocou a todos da tribo para se reunirem.

Em volta da fogueira, o pajé recebeu uma mensagem: “ Três virgens devem ser sacrificadas, só assim acabará a fúria do vulcão”.

As três mais bonitas virgens se ofereceram para realizar o sacrifício em benefício do seu povo, e num ritual, atiraram-se dentro do vulcão. Aceito o sacrifício, o vulcão parou de lançar suas lavas e, em vez de fogo, começou a jorrar diamantes. O vulcão, hoje, é a grande Serra do Tepequém, que tem a sua frente três lindas serras que representam as virgens sacrificadas.



Gente do **Tepequém**



O Garimpeiro

“A vida de garimpeiro é um grau pra doutor e outro pra doido, né? E eu acredito que o mais fácil é o de doido. Porque você cavucar um barro numa fundura que for, sem saber o que está lá debaixo, porque você não deixou nada lá, e vai atrás de um trem que não sabe nem se tem. Mas é aquela aventura. É a vontade de pegar que nunca acaba.”

Seu Valdir, garimpeiro do Tepequém

Antes de qualquer característica que nos defina, seja pela origem, formação, profissão, etnia, gênero, etc., somos pessoas. E como pessoas, somos diversos e múltiplos. Assim são os garimpeiros: pessoas dentro do espectro amplo da diversidade.

No entanto, um sentimento comum à maioria dos que se aventuram no garimpo, é a ânsia por bamburrar – como se diz no jargão do garimpeiro –, isto é, encontrar a pedra ou a pepita que lhes traga fortuna.

Há aproximadamente 80 anos que a ambição pelo diamante perfeito enfeitou os que foram para o Tepequém. Desviaram igarapés e cavucaram a lama, como disse o Seu Valdir, em busca dos mais ricos brilhantes. Não perceberam que as preciosidades estavam tão perto: são eles mesmos, cada um dos moradores das vilas do Paiva e do Cabo Sobral, assim como suas histórias de vida e seus diversos saberes. São as verdadeiras joias do garimpo.

Que tal iniciarmos nossa vivência com uma reflexão? Qual a imagem que você tem sobre quem é o garimpeiro? Ao final do dia, faça esta mesma reflexão e veja se e quanto o seu olhar se transformou...





No garimpo ninguém tem nome.
Todos se conhecem pelos apelidos:
Pedro Mentira, Maleta, Cutia, Paquinha,
Passarão, Birão, Sulamba, Chico Dólar,
Gondim, Roni Buriti, Neguinho do
Motor, Conceição do Macaco,
Maria Bicicleta...



“O garimpo
é um vício”

Francisco Galvão. Ex-garimpeiro



A pretensão de encontrar o diamante de grande pureza e muitos quilates, leva muitos garimpeiros à busca quase obsessiva pela pedra.

E, muitas vezes, a busca só se encerra com a própria vida. Para muitos, o garimpo, assim como o jogo, será sempre a ilusão de um dia enriquecer. Dia que jamais chegará.



A vida no garimpo é difícil.
Mora-se mal, come-se mal.
O que não falta é a garrafa de
café no barranco.

Para muitos garimpeiros a diversão
se resumia às mulheres e à cachaça.

*“Catei muito diamante. Gastei
tudo com moça e cachaça”*

Passarão, 83 anos, ainda no garimpo



A mulher no garimpo

“O garimpo é lugar de homem”, dizem os garimpeiros. É ambiente essencialmente machista, portanto, hostil e violento à mulher. Contudo, algumas enfrentaram as adversidades, viveram nos acampamentos e trabalharam na mineração.

Dona Helena, ainda muito jovem deixou o Maranhão e foi para Boa Vista. Lá, uma prima falou sobre a oportunidade de trabalho como cozinheira, no garimpo em território lanomâmi. A jovem Helena se aventurou.

Casou-se muito cedo, pois, na mineração, ou a mulher tem um homem para protegê-la ou corre muitos riscos. Teve um menino. Algum tempo depois, a violência do garimpo ceifou a vida de seu marido.





Dona Helena foi para o Tepequém, onde conheceu Seu Gaudino, outro garimpeiro que girou o mundo. Também maranhense. Hoje, carregados do senso de pertencimento, não deixam o Tepequém por nada. Trabalham no pequeno mercantil (mercadinho) que abriram na Vila do Paiva, e vivem da paz e do sossego local.

Dona Helena é dos brilhantes que reluz no Tepequém. Sua história de vida é para ouvir e refletir. É sobrevivente de um ambiente no qual as relações de gênero sempre foram difíceis. Mas o mesmo garimpo, que lhe tirou o primeiro marido, presenteou-a com um novo amor, o Seu Gaudino.

E sobre você, como são as relações de gênero onde vive?

Lugares do **Tepequém**



Tilim do Gringo

Tilim, nos garimpos da Amazônia, é o nome que se dá a um canal aberto para desviar a água do igarapé. O Tilim do Gringo, o mais importante do Tepequém, foi escavado na rocha, por intermédio de explosões de dinamites. É uma obra de engenharia sem engenheiros. Foi um garimpeiro belga que, na década de 1950, realizou a obra com outros garimpeiros.

Segundo as memórias dos mais antigos, pegaram muito diamante depois da construção do tilim. O lugar é parte importante da história do Tepequém.

Para chegar à passagem entre as rochas, o tilim, tomase uma trilha, que atravessa matas e igarapés. Durante a caminhada é possível observar peças de maquinários e vestígios de acampamentos antigos de garimpeiros. Legado do período áureo da mineração no Tepequém, que gerou tanta riqueza, quanto danos ao ambiente.

Para fazer a trilha é indispensável o acompanhamento de um monitor ambiental credenciado. Bem acompanhado fica mais fácil desfrutar não só do destino, mas também do trajeto. Atente-se às paisagens, aos odores, às texturas, e aos sons da natureza.







Trilhas, igarapés e cachoeiras

A Serra do Tepequém é lugar de nascentes de inúmeros igarapés. Os principais deles são o do Paiva e do Cabo Sobral, que cortam as duas vilas da região.

Os igarapés apresentam áreas de remanso e belas cachoeiras, como a do Paiva – uma das mais apreciadas para banhos na região –, a do Barata, a do Funil, a da Laje Verde, entre outras.

Chega-se a elas por intermédio de trilhas, algumas delas sem sinalização. Daí a importância de ter o acompanhamento de um monitor ambiental da cidade. São eles que conhecem os caminhos, os riscos e as regras de visitação dos patrimônios naturais do Tepequém. Outro ponto de destaque é a trilha do Platô, que leva a lugares com vistas magníficas.

Mas o Tepequém é muito mais que suas trilhas, os belos igarapés e cachoeiras, portanto, para vivenciar o lugar converse com seus moradores, ouça e valorize suas histórias, assim conhecerá as verdadeiras riquezas do lugar.







VILA DO Paiva e Cabo Sobral

A primeira área habitada na região foi a Vila do Cabo Sobral. Nos tempos áureos do garimpo a vila contava com mercadinhos, escola, bares – alguns eram frequentados pelas “damas do garimpo”, posto policial, batalhão da Polícia Militar e até cinema.

Mais tarde surgiu a Vila do Paiva, em área mais alta da serra. Aos poucos, a Vila do Cabo Sobral se esvaziou e a Vila do Paiva cresceu, tornando-se a parte mais habitada do Tepequém. No entanto, as duas vilas, contando com a população urbana e rural, somam 235 habitantes.

Como é viver em um lugar tão pequeno, onde praticamente todas as pessoas se conhecem? Quais as histórias desse lugar e dessas pessoas? Quais são seus hábitos e costumes? São tão diferentes dos teus?





Fotografia histórica, feita em 1960, da Vila do Cabo Sobral, que mostra quantidade de casas, e os comércios que ficavam na rua principal. É parte do acervo de Seu Pedro, garimpeiro nascido no Tepequém.

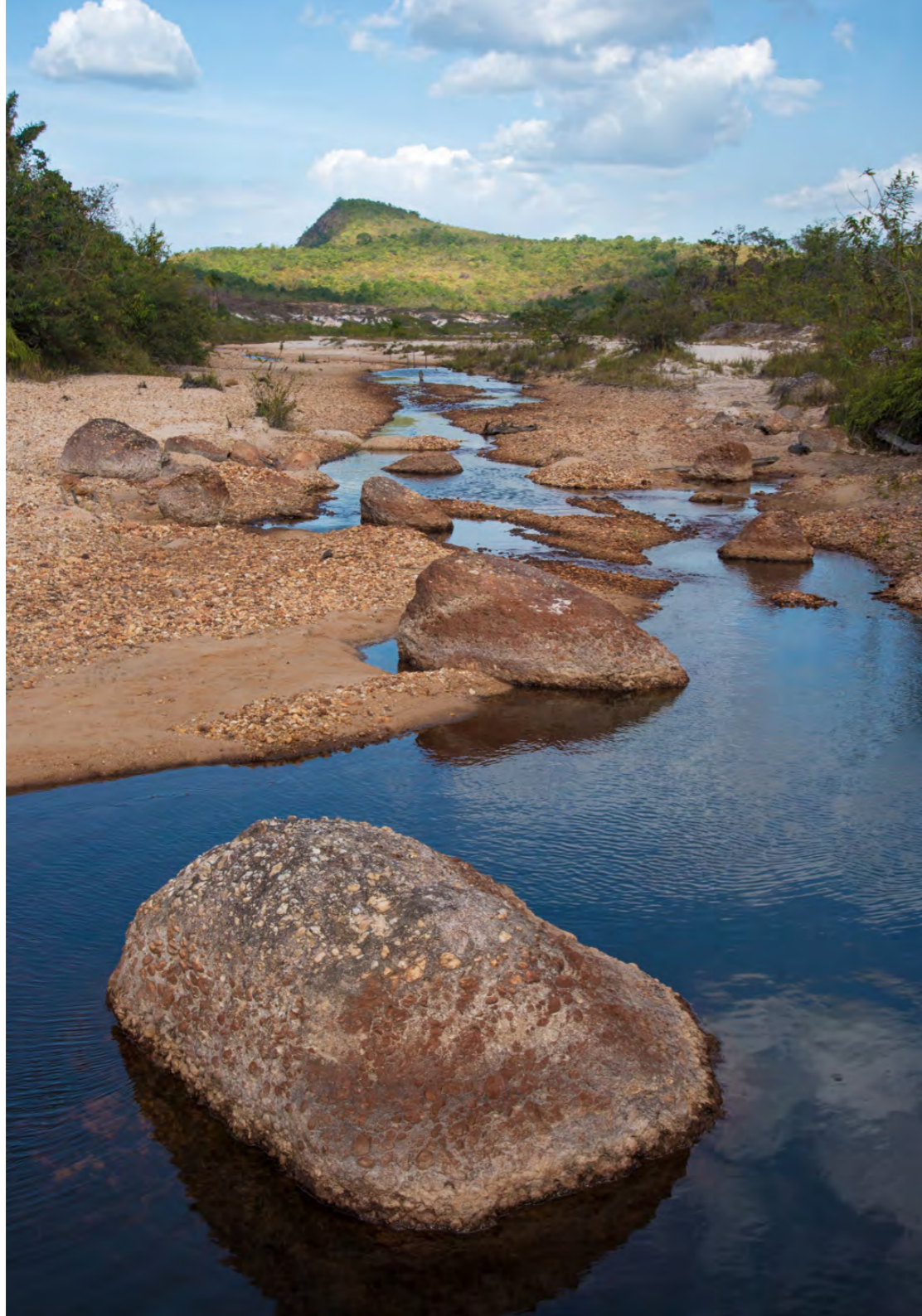


Lagos e poços

O garimpo de maquinário causou transformações profundas no Tepequém. Abriu imensas crateras que se tornaram poços e lagos, como o Lago da Esmeralda, que recebe esse nome pela cor esverdeada de suas águas. Hoje são usados por banhistas.

Assim, a atividade do garimpo impactou de forma negativa os recursos hídricos da região. Portanto, a introdução do turismo, e a perspectiva de uma atividade sustentável, pode contribuir para a combinação da conservação ambiental, com a geração de renda para a comunidade.

Daí a responsabilidade daqueles que vivem no local, bem como dos viajantes que vêm para a região. Vamos fazer do Tepequém um lugar de conservação da natureza e valorização da história e cultura locais?



Somos parte integrante
da natureza, o mal que
fazemos a ela, fazemos
a nós mesmos.

Saberes e Fazeres

A pedra-sabão

Qual o VALOR de uma peça em pedra-sabão? Quais conhecimentos específicos são necessários para produzi-la?

A produção de artesanato em pedra-sabão demanda diversos conhecimentos específicos, além do esforço físico para caminhar até o lugar onde se encontra a matéria-prima.

No Tepequém, o trabalho com pedra-sabão é relativamente recente. Após a decadência do garimpo, algumas pessoas passaram a recolher as pedras e a aprender a esculpi-las.

Para apanhar a pedra-sabão é preciso uma se submeter a uma boa caminhada, atravessando igarapés e subindo morro. Então, é necessário o conhecimento específico para reconhecer a pedra, entre tantas outras que existem na região. Escolhem-se as melhores e se faz o caminho de volta, mas desta vez carregando grande peso.

Ao chegar ao ateliê, o artesão coloca em prática seu conhecimento técnico e vocação artística para modelá-la e transformá-la numa peça de arte.

Portanto, o VALOR do trabalho artesanal transcende o produto. Há o esforço, os conhecimentos específicos e a aptidão do artesão, que se somam ao objeto que ele produziu.

Para o artesão, ver seu trabalho apreciado e valorizado é a grande recompensa de seu esforço e talento. Portanto, dentro da perspectiva do Turismo Social, que é sustentável, portanto, responsável, o viajante deve ser cuidadoso e respeitoso ao negociar e comprar um artesanato.

Qual o VALOR do esforço, do conhecimento e da vocação de uma pessoa?



O artesanato em pedra-sabão, feito por vários artesãos na região

Falares do Garimpo

Bamburrar – entrar a sorte grande; achar voltar do trabalho da mineração endinheirado.

Barranco – lugar onde se instala o maquinário do garimpo.

Brefado – sem-dinheiro; empobrecido.

Brega – bar onde trabalham garotas de programa.

Cacimba – poço cavado pelos garimpeiros onde se pega água para beber.

Cascalho – areia e pedriscos do fundo do rio que são retirados para serem peneirados.

Currutela – Vila; conjunto de casas e comércios.

Cutião – garimpeiro que nunca casou; solteirão.

Curimam – praia de igarapé onde se garimpa.

Forma – Mineral pesado e de cor escura, que fica junto do diamante quando peneirado.

Jamaxi – cesto indígena, feito de fibra vegetal, usado preso às costas para se carregar coisas.

Meia-praça – garimpeiro que trabalha na máquina e tem direito a uma percentagem do apurado.

Picuá – recipiente onde os garimpeiros guardam as pedras encontradas.

Suruca – peneira de diversos tamanhos de malha usada para garimpar.

Surucar – peneirar o cascalho.

Tilim – nos garimpos da Amazônia, é o nome que se dá a um canal aberto para desviar a água do igarapé.

